

Na mão de Deus, na sua mão direita César Valença*

Conhecia Nuno Barreto há anos – cumprimentávamo-nos. No início dos anos 80, numa fase difícil da minha vida, cruzei-me com o Nuno em Braga uma vez mais. Parou, convidou-me para jantar em sua casa e ofereceu-me uma serigrafia. Não fez perguntas. Esse encontro que recorro reconfortante, não sabia ainda eu então, seria o início de uma longa amizade. Vagarosamente a nossa estima foi crescendo e pude conhecê-lo como pessoa, como intelectual e como artista. Em 1986 foi nomeado para dirigir o Museu Nogueira da Silva. Convidou-me para o assessorar, confiando-me a reorganização de espaços e o estudo das artes decorativas. Nuno Barreto deu uma nova dimensão e impulso ao Museu, dinamizando-o, e à Galeria da Universidade na qual os seus conhecimentos de pintura e contactos foram relevantes. Apesar de a nossa colaboração, à época, ter-me parecido perfeita, guardando desse período as melhores recordações é, no entanto, a sua personalidade multifacetada e excepcional que gostaria de referir, pois o seu papel no Museu e mais tarde na Academia de Artes Visuais de Macau foram sobejamente reconhecidas – inversamente a certas facetas que só as pessoas com quem teve proximidade puderam abarcar.

* Director do Museu Nogueira da Silva entre 1988 e 2002

Era homem de grande carácter e de um sentido ético da maior exigência para consigo próprio, sendo no entanto compassivo com os outros. Nele se pode aplicar a frase de Terêncio “nada do que é humano me é estranho”.

Foi dotado de muitos talentos: pintor, umas vezes abstracto, outras figurativo, outras ainda conceptual, noutras colocando na sua pintura testemunhos de uma realidade interpretada com ironia, por vezes, reinventando-a de forma lírica e poética. O Douro da sua infância e Macau que interpretou como ninguém, foram temas importantes nos seus quadros como ainda os seus “labirintos”, tema que declinou de várias formas.

Possuía uma cultura bem alicerçada e grande capacidade de análise, algumas vezes lhe sugeri que escrevesse e publicasse crónicas sobre Portugal e sobre Macau dos finais da Administração Portuguesa. Apesar de redigir com elegância e com a mesma exigência com que pintava, nunca o persuadi a publicar, embora tenha certamente deixado textos, para além dos que gostava de enviar por e-mail ou por correio a que chamava “caracol”. Gostava de partilhar os seus entusiasmos por um novo livro, pela música que ouvia, por filmes sempre vistos em DVD, ou até em artigos de revistas e jornais – as suas opiniões nesses campos eram, como em tudo o resto, clarividentes.

Fotografava com a imensa sensibilidade de que era dotado e acompanhava-se de câmaras de grande precisão, captando imagens que tinham sempre o seu cunho especial. Penso que, discretamente, reconhecia o seu talento para a escrita e fotografia mas a pintura absorvia-o com mais intensidade. Recordo quadros que discutia meses antes de serem pintados. Depois, a execução era cuidadosa e lentamente amadurecida.

Leitor compulsivo de livros, revistas, jornais e blogs, foi testemunha ímpar do mundo do seu tempo e estava solidamente informado sobre pintura, literatura, política, música e também cinema que considerava a grande arte do século XX. Além de melómano e apreciador de música clássica, estimava os compositores de música de cinema, em muita da qual me iniciou.

Tinha grande capacidade de comunicação. Conversava tão profunda quanto agradavelmente e juntava à sua variada cultura um forte senso de humor. Tinha

um raro dom da amizade que entregava da forma mais generosa, mantendo-se no entanto refinadamente discreto como se tivesse pudor das emoções.

Nesta nova Idade Média assinalada por Jacques Barzun¹, Nuno Barreto foi um homem do Renascimento com a qualidade definida pelos gregos, retomada em Roma e, mais tarde, pelos humanistas como "Virtus". Nele, era acompanhada de uma singeleza e uma espiritualidade de raiz cristã.

Nada me honrou mais que a amizade com que me privilegiou. Reencontro-o sempre nos trabalhos que me ofereceu ou adquiri – por vezes também nas páginas do volume "Galeria Imaginária" editada pela Fundação Oriente. Reencontro-o ainda em grande parte nos discos, nos livros que discutimos e na memória das longas conversas em clima calmo e empatia. Afinal regressa quando revejo fotografias das paredes cobertas de trepadeiras, da varanda, dos tanques e do quintal de minha casa e sobretudo nas imagens com a atmosfera líquida e poética que sempre conseguia captar.

A última vez que lhe escrevi, enviando um tardio livro, subscrevi-me com devoção e amizade. A esses sentimentos junto a gratidão pelo que me ensinou e sobretudo por ter-me permitido a sua proximidade – Nuno, um ser tão raro em que a dignidade e a cultura se ligavam à mais atenta capacidade afectiva formando o homem que foi e se tornou eterno.

Nota

¹ Jacques Barzun, "Da Alvorada à Decadência", Gradiva 2003.